

Notas para pensar a onda dos filmes espíritas no Brasil¹

Laura Cánepa²

- 1 Trabalho apresentado no Seminário Temático Os gêneros no cinema brasileiro e latino-americano: práticas, transformações, remixagens e tendências, parte da programação do XV Encontro da Socine (Sociedade brasileira de estudos de cinema e audiovisual), realizado em 2011
- 2 Doutora em Multimeios pelo IAR-Unicamp (2008), mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP (2002) e graduada em Jornalismo pela FABICO-URFGS (1996), é, atualmente, professora do Mestrado em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi e pós-doutoranda no Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da USP.
laura_canepa@yahoo.com.br.

Resumo

Neste começo da segunda década do século XXI, o Brasil, país tido como a maior nação espírita do planeta, tem testemunhado uma onda de longas-metragens com temática espírita que movimenta grandes orçamentos e bilheterias, provocando interesse e debates entre os fiéis, os críticos de cinema e os observadores culturais. No entanto, na maior parte das discussões nos meios de comunicação, parece haver certa *pressa* em diagnosticar o fenômeno como novidade, sem levar em conta a trajetória e mesmo uma possível tradição de filmes espíritas brasileiros — a partir da qual, parece-nos, o ciclo atual pode ser examinado. Nesse sentido, o presente artigo tem a intenção de discutir a possibilidade de falar-se de uma tradição de filmes espíritas brasileiros e, a partir dela, propõe alguns pressupostos de análise para os novos filmes que têm surgido a cada ano.

Palavras-chave

Cinema, Brasil, cinema religioso, espiritismo, religião.

Abstract

Brazil, a country in which Spiritualism is a religion widespread, has witnessed a *wave* of movies with this theme. These films have had great box office, provoking interest and debate among the public and critics. However, in most of the discussions that we see in the media, there seems to be a certain *rush* to diagnose the phenomenon as a great novelty, without taking into account the history and even a possible Brazilian spiritualist tradition of films — a tradition from which, it seems, the current cycle can be examined. Accordingly, this article intends to discuss the possibility to speak of a tradition of spiritualist films, and from it, proposes some assumptions of analysis for the new movies.

Keywords

Cinema, Brazil, religious films, spiritualism, religion.

Espiritismo *lato sensu*

Ao falar sobre o cinema espírita, somos, de saída, desafiados pelo fato de que a conceituação do próprio espiritismo é, em si mesma, problemática. Caracterizada menos como religião no sentido estrito, e mais como doutrina religioso-filosófico-científica, como o desejava seu fundador, o francês Allan Kardec³, a crença espírita, originalmente chamada de *espiritualista* (título ainda atribuído a crenças mais genéricas no mundo espiritual), surgiu na Europa em meados do século XIX e, como observa Bernardo Lewgoy (2000, p. 10), diferentemente do que se deu com as religiões mais antigas, foi um fenômeno ligado à cultura letrada, o que lhe dava algumas características bastante específicas, tanto no sentido das práticas religiosas quanto na produção cultural correlata.

Como observa Lewgoy, “o espiritismo kardecista não é apenas uma religião do livro que mantém uma abundante literatura religiosa” (2000, p. 12), mas é, essencialmente, também, “uma religião letrada, no sentido de seu enraizamento em temas e emblemas que caracterizam a modernidade ocidental desde o século XIX, como o racionalismo iluminista, o cientificismo e o gênero romance” (2000, p. 12). Para o autor, o espiritismo “se apropria religiosamente desses fatores numa espécie de leitura cristã dessecularizante da ciência e da literatura” (2000, p. 12).

Nas palavras de Kardec:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações (...). O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza e origem dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal (apud Fernandes, 2008, p. 10).

3 Pseudônimo do pedagogo Hyppolyte-Léon Denizard Rivail (1804-1869).

Esse conjunto de doutrinas e práticas espíritas, que circula principalmente por meio de vasta literatura no mundo inteiro, e mais intensamente no Brasil, tem algumas características genéricas que gostaríamos de apontar, basicamente: a crença na imortalidade dos espíritos, na comunicabilidade desses com os vivos através dos médiuns (em geral humanos, mas eventualmente tecnológicos) e na reencarnação. Há também outras crenças adotadas pelos adeptos do espiritismo ao longo do século XX, em particular a de que o mundo espiritual seria organizado hierarquicamente numa estrutura evolucionista que incluiria, pelo menos em seus estágios iniciais, algumas instituições semelhantes à da cultura *terrena* (centros educacionais, hospitais etc). Evidentemente, não se trata aqui de descrever em detalhes a doutrina espírita, mas apenas de levantar os preceitos mais difundidos do espiritismo entre o público em geral e a mídia, pois são justamente esses que acabam sendo absorvidos mais claramente pela ficção — e é dessa absorção que se está tratando aqui.

No Brasil, país no qual, como mostra Sandra Stoll (2004)⁴, a doutrina preconizada por Kardec adquiriu as características mais próximas às de uma religião, a presença do espiritismo é vasta na cultura popular. É praticamente um lugar-comum afirmar que o espiritismo encontrou no Brasil a sua melhor acolhida. Surgida a partir de adaptações ao cristianismo de teorias evolucionistas e positivistas, a doutrina de Kardec encontrou em terras brasileiras um franco diálogo com as religiões afro-brasileiras como a Umbanda e o Candomblé, com as quais compartilha ideias como as da reencarnação, da mediunidade e de um complexo mundo espiritual, o que possivelmente facilitou a grande expansão das ideias espíritas pelo país.

Segundo dados do Censo do IBGE de 2010, hoje, 3,8 milhões de brasileiros declaram-se espíritas, o que equivale a aproximadamente 2% da população. Mas, levando-se em consideração o número de pessoas que frequentam os

4 Sobre isso, ver STOLL, 2004, cujo trabalho discute o processo de adaptação da doutrina espírita no Brasil, desde a aproximação do cristianismo empreendida pelo médium Chico Xavier (1910 - 2002) até o modelo mais midiático e *new age* de Luiz Antonio Gasparetto.

mais de dez mil centros espíritas do país, e que também consomem uma grande quantidade de palestras, espetáculos teatrais, filmes e, principalmente, lançamentos literários sobre o tema, sabe-se que, na prática, o número de fiéis e de praticantes (ocasionais ou não) pode ser bem maior. Como afirma Lewgoy, também, “muitos espíritas não se declaram ao Censo como de religião espírita, preferindo se pensar como um movimento laico, o que resulta numa provável sub-representação nas estatísticas de afiliação religiosa” (2004, p. 56). Nesse sentido, é comum que pessoas que creem em uma série de preceitos do espiritismo kardecista recusem o título, preferindo identificar-se como espiritualistas, esotéricas ou outras classificações. Tal fenômeno é facilmente observável no mercado editorial e em diferentes espetáculos voltados ao público interessado no tema, o que cria algumas dificuldades inclusive para a classificação de certas obras, como demonstraremos aqui.

A doutrina chegou no Brasil no final do século XIX, sendo oficializada em 1895 pela Federação Espírita Brasileira, presidida pelo médico Adolfo Bezerra de Menezes. Ganhou grande popularidade após o médium Chico Xavier (1910-2002) ficar famoso a partir do final dos anos 1930, sobretudo depois do episódio em que alegou ter psicografado textos do escritor recém-falecido Humberto de Campos (1886-1934), de quem publicou, entre outros, o polêmico *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho* (1938), obra que acabou sendo reconhecida como legítima pela família do escritor e que gerou até mesmo um processo judicial em torno dos direitos autorais, que deu ganho de causa à viúva do escritor em 1944. Desde então, a obra de Xavier e de outros médiuns famosos só foi aumentando e diversificando caminhos, interessando aos fiéis tanto pelas revelações que traziam sobre o mundo espiritual quanto pela legitimação que davam ao contato entre os vivos e os mortos mediado por esses indivíduos — justamente o tema mais abordado na ficção espírita no Brasil, a chamada *psicografia*, como veremos em seguida.

A literatura espírita, em sua maior parte calcada em textos psicografados, tem grande popularidade no Brasil, e foi objeto de análise de Sandra Stoll em

Espiritismo à brasileira (2004), trabalho sobre as diferentes vertentes do espiritismo nascidas no país. A primeira delas, mais ligada ao cristianismo, tem como exemplo mais conhecido o trabalho de Chico Xavier, que, desde os anos 1930, publicou dezenas de livros psicografados de grandes autores nacionais e de espíritos que só teriam ficado famosos depois de desencarnados, como o de André Luiz, que teria ditado a Xavier, entre outros, o emblemático *Nosso lar* (1944). Já a corrente mais recente traz romances, contos e biografias psicografadas, por exemplo, pela médium Zíbia Gasparetto, que lançou, entre dezenas de outros, *Bate-papo com o Além* (1982), livro de crônicas alegadamente escritas em conjunto com o espírito de Silveira Sampaio, e *Vencendo o passado* (2008), com crônicas atribuídas ao espírito Lucius. Ela é mãe de outra figura importante do espiritismo contemporâneo brasileiro, Luiz Antonio Gasparetto, que opta por uma vertente mais espetacular e menos monástica que a de Xavier, *psicografando* pinturas de artistas como Toulouse-Lautrec e vinculando seus textos e palestras a vertentes esotéricas conhecidas como *new age* (nova era) e autoajuda.

Da literatura ao cinema

O tema da comunicação com espíritos desencarnados (geralmente descritos como fantasmas) é antigo nos mitos e nas histórias de ficção de quase todas as sociedades humanas. No caso da cultura ocidental, o tema está entre os que inauguraram, na ficção, aquilo que conhecemos como gênero *fantástico*, isto é, o que trata de fenômenos que não podem ser explicados pela racionalidade científica. Mas, considerando que o espiritismo pressupõe outras ideias vinculadas a essas figuras misteriosas — como um tipo específico de comunicação através de médiuns, a reencarnação e o chamado *plano espiritual* que contempla uma organização específica — não se pode dizer que todas as histórias de fantasmas sejam espíritas ou mesmo espiritualistas. Alguns clássicos da literatura fantástica como *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole (1784),

e *O fantasma de Canterville* (1891), de Oscar Wilde, apenas para trazer dois exemplos, são histórias de espíritos que não podem ser relacionadas diretamente a essas correntes. No entanto, há obras de ficção em que a visão espírita do mundo se faz presente, tais como *Encarnação*, de José de Alencar, publicada em 1878, e *The land of mist (A terra da neblina)*, do escocês Sir Arthur Conan Doyle, publicada em 1926. Essas obras mostram influência clara das ideias espiritualistas então em voga na Europa, nos EUA e no Brasil (no primeiro caso, em torno da reencarnação, e no segundo, de comunicação espiritual), mas não fazem parte de uma literatura *de nicho*, ou seja, de uma literatura voltada especificamente ao público interessado no espiritismo, como é o caso das obras já mencionadas de Xavier e Gasparetto.

No caso específico do cinema, e particularmente no cinema dominante hollywoodiano, pode-se dizer que houve, ao longo do século passado, exemplos isolados de filmes que trataram de reencarnações e visitas de espíritos ao mundo dos vivos do ponto de vista mais ou menos próximo da doutrina espírita. Um exemplo clássico é a comédia *Heaven can wait (O céu pode esperar)*, baseada na peça teatral *Birthday*, de Leslie Bush-Fekete, que teve três versões cinematográficas em torno da história do milionário que morre antes do que estaria previsto pelo *Além*, e deve voltar ao mundo dos vivos reencarnado em diferentes corpos. A primeira versão da história, dirigida por Ernst Lubitsch, nos EUA, em 1943 (e chamada no Brasil de *O diabo disse não*), inspirou vários filmes ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Por aqui, *Fantasma por acaso* (1947), produzido pela Companhia Atlântida e dirigido por Moacyr Fenelon, trazia o comediante Oscarito na pele de um zelador que é devolvido pelo céu para resolver problemas da família do patrão. O filme de Lubitsch foi refeito nos EUA em 1977, por Warren Beatty, e em 1998, por Chris e Paul Weitz. Ainda nos anos 1940, Joseph Mankiewicz dirigiu *O fantasma apaixonado (The ghost of Mrs Muir)*, baseado na novela de Josephine Leslie (pseudônimo de R. A. Dick), publicada em 1945, sobre uma viúva que começa a receber a visita do fantasma de um marinheiro que passa a ditar-lhe suas memórias. O filme originou uma série homônima, anos depois, na TV estadunidense, entre 1968 e 1970.

Nas décadas de 1970 e 1980, o assunto ganhou mais fôlego com alguns sucessos importantes do cinema, entre os quais os filmes de horror *As duas vidas de Audrey Rose* (*Audrey Rose*, 1977), de Robert Wise, e, principalmente *Poltergeist – O fenômeno* (*Poltergeist*, 1982), de Tobe Hopper. Também o épico romântico *Em algum lugar do passado* (*Somewhere in time*), de Jeannot Szwark, 1980, se tornou um dos filmes mais famosos daquela década. Nesses longas, memórias misteriosas cuja explicação se concentrava nas vidas passadas e/ou em visitas ao mundo espiritual fizeram circular entre um público bem mais amplo questões que interessavam particularmente aos adeptos do espiritismo.

Dois desses filmes foram baseados em livros de sucesso. *Audrey Rose* (1975), romance de Frank de Felitta alegadamente baseado em fatos reais, tratava de uma menina que desencarna aos cinco anos de idade e reencarna em outra, trazendo à tona o terrível trauma de sua morte violenta. *Em algum lugar do passado* (*Bidd time return*), também de 1975, de Richard Matheson, traz um casal que se reencontra num lapso de tempo entre duas vidas. O mesmo Richard Matheson seria, anos depois, o roteirista de *Amor além da vida* (1997), melodrama espírita estrelado por Robin Williams, sobre um homem desencarnado que precisa buscar o espírito de sua mulher no *limbo* reservado aos suicidas no mundo espiritual. Já *Poltergeist* partiu do roteiro original de James Kahn, mas, com o sucesso espetacular do filme, acabou sendo lançado como romance pelo próprio autor, em 1982, trazendo as desventuras da família que tem sua filha sequestrada pelo mundo espiritual por meio de um aparelho de televisão.

Porém, principalmente nas últimas três décadas, parece ter havido uma intensificação da exploração desse tipo de história, a ponto disso vir se constituindo, aos poucos, num gênero — ou pelo menos em resistente filão — já identificado dessa forma pelo público e pelos críticos. A última década do século XX viu o desenvolvimento de uma tendência hollywoodiana de filmes espíritas que teve uma espécie de *divisor de águas* a partir do sucesso da comédia romântica sobrenatural *Ghost - Do outro lado da vida* (*Ghost*, Jerry Zucker, EUA,

1990), que contava a história de um homem cujo espírito se recusava a deixar a terra antes de ajudar a esposa a descobrir quem o matara — e, para isso, contava com a ajuda de uma médium trapalhona. Na mesma época, o drama *Linha mortal* (*Flatliners*, Joel Schumacher, 1990) trazia um grupo de médicos que desenvolvia uma técnica específica de morte/ressuscitação com o objetivo de descobrir o que haveria *do outro lado*, e que os fazia depararem-se com uma série de eventos do mundo espiritual. Também *Voltar a morrer* (*Dead again*, Kenneth Branagh, Inglaterra, 1991), de Kenneth Branagh, apostava no horror e no mistério da reencarnação, enquanto na comédia *Morrendo e aprendendo* (*Heart and souls*, EUA, 1993), de Ron Underwood, um jovem precisava livrar-se de espíritos que o acompanhavam ao longo de toda a sua vida, tomando providências para que eles resolvessem questões pendentes na Terra.

Já na virada do século, uma sequência de filmes de horror com temática espírita se tornaria um dos filões mais rentáveis do cinema fantástico hollywoodiano, estabelecendo um *subgênero* espiritualista do horror, com tons mais melodramáticos do que costuma ter a maioria dos filmes desse gênero. Tudo começou com o sucesso de *O sexto sentido* (*The sixth sense*, M. Night Shyamalan, EUA, 1999), que tratava de um menino com poderes mediúnicos ajudado por um psicólogo desencarnado. Depois dele, o drama familiar *Os outros* (*The others*, Alejandro Amenábar, EUA, 2001), estrelado por Nicole Kidman, trazia uma mãe e seus dois filhos que precisavam ser *orientados* por almas do outro mundo para compreender que sua casa não estava sendo assombrada por espíritos malignos, e sim o contrário: eles próprios é que estavam, já mortos, assombrando a casa de uma família. No mesmo ano, o mexicano Guillermo del Toro, em produção espanhola distribuída mundialmente, faria *A espinha do diabo* (*Espiñazo del Diablo*, Espanha, 2001), no qual um menino com poderes mediúnicos recebe a ajuda de um espírito para tentar salvar seus companheiros de orfanato. Também *Vozes do além* (*White noise*, Geoffrey Sax, EUA, 2005), estrelado por Michael Keaton, trazia um viúvo que acreditava poder gravar vozes de espíritos por meio de aparelhos eletrônicos. Em todos esses filmes de horror,

e em vários outros, que chegaram a inspirar séries distribuídas nas TVs a cabo do mundo inteiro como *Medium*⁵ e *Ghost whisperer*⁶, eventos perturbadores relacionados à morte e aos espíritos ganham um desfecho alentador e reconciliador. Nesse sentido, a antiga tradição ocidental de aterrorizantes histórias de fantasmas vinculadas ao arrebatador estilo gótico literário (que via os eventos espirituais como sinais de desordem e medo) passava a ter um caráter mais benéfico e até cotidiano, levando o gênero a despertar o interesse de uma parte do público que muitas vezes resiste às histórias de horror por considerá-las excessivamente violentas ou perturbadoras.

O espiritismo no cinema brasileiro

No Brasil, a maioria dos filmes mencionados teve sucesso significativo. No caso de *Vozes do além*, inclusive, tratou-se do único país em que isso aconteceu, o que fez com que a sequência do filme, *Luzes do além* (*White noise – The light*, Patrick Lussier, EUA, 2007), distribuída diretamente em DVD no mundo todo, fosse lançada nos cinemas brasileiros. Nas telenovelas, notou-se também certo impacto do tema, em casos como *Alma gêmea*, de Walcyr Carrasco e Thelma Guedes, exibida pela Rede Globo no horário das 18h entre 2005 e 2006, que abordava a história de um homem que se apaixona por uma jovem índia que seria a reencarnação da sua amada morta. Também *Páginas da vida*, de Manoel Carlos, exibida pela mesma emissora no horário das 21h, entre 2006 e 2007, contava com aparições do espírito de uma jovem desencarnada para a sua filha pequena e também para a sua mãe.

No entanto, desde a chamada retomada do cinema brasileiro (em meados dos anos 1990) até 2007, apenas dois longas-metragens dialogaram com a corrente hollywoodiana dos filmes espíritas dos anos 1990: *Fica comigo*

5 Criada por Glenn Gordon Caron, estrelada por Patricia Arquette e exibida na TV americana pelas redes NBC e depois CBS, entre 2005 a 2011.

6 Criada por John Gray, estrelada por Jennifer Jason-Hewitt e exibida pela rede CBS entre 2005 e 2011.

esta noite (João Falcão, 2006) e *Acredite, um espírito baixou em mim* (Jorge Moreno, 2007). No primeiro caso, a comédia-romântica estrelada pelos jovens atores da Rede Globo Alinne Moraes e Wladimir Brichta, remotamente baseada na peça homônima de Flávio de Souza encenada na década de 1990, trazia um homem recém-falecido que deseja voltar ao seu próprio corpo pela última vez para se despedir da amada. No segundo, uma comédia de estilo mais próximo aos programas televisivos como *Zorra Total*, um ortodontista homossexual morre num acidente de carro e começa a infernizar a vida de um machão em quem encarna de tempos em tempos. *Acredite* também foi baseado numa peça teatral, escrita por Ronaldo Ciambri e dirigida por Sandra Pêra, que fora um fenômeno de público em Minas Gerais no começo dos anos 2000, atraindo quase um milhão de espectadores e apelidada de *Ghost gay*, em referência ao filme de Jerry Zucker de 1990.

Mas, ainda que aparentemente isolados do restante da produção nacional, que trouxe frequentemente o registro cômico-fantástico, mas sem referências a questões religiosas (como se percebe, por exemplo, na bem-sucedida série *Se eu fosse você*, de Daniel Filho, iniciada em 2006, que trata do tema de troca de espíritos e de corpos), esses filmes não dialogaram apenas com Hollywood. Afinal, a temática não era novidade em nosso cinema — e nem poderia ser, se estivermos realmente na maior nação espírita do planeta.

Principalmente nos anos 1970, o grande interesse midiático por temas que atraem os fiéis do espiritismo, como os registros de contatos espirituais através de aparelhos eletrônicos de gravação de som e imagem e os fenômenos paranormais⁷ como o da movimentação inexplicável de objetos, chamado de *poltergeist*, deu origem a alguns filmes ligados ao imaginário espiritualista e, em alguns casos, ao espiritismo kardecista propriamente dito.

7 O conceito de paranormalidade, que já teve muitos nomes ao longo da história e passou a ser uma preocupação do pensamento ocidental desde o século XIX, pode ser definido como aquilo que se refere a fenômenos sensoriais e psicológicos humanos que parecem violar as leis naturais (ZUZNE; JONES, 1989, p. ix). O assunto esteve muito em voga na década de 1970, quando a Guerra Fria gerou várias experiências científicas em torno de indivíduos com supostos poderes extrassensoriais (como o israelense Uri Geller, que alegava ser capaz de entortar metais a distância, e viajou pelo mundo inteiro exibindo seus talentos). Nesse período, tanto o jornalismo quanto a ficção divulgaram centenas de relatos nas mais diversas mídias, causando grande comoção e legando uma ampla variedade de histórias e lendas urbanas.

Entre os exemplos mais notórios, tem-se *Excitação* (1976) e *Força dos sentidos* (1979), ambos de Jean Garrett; *As filhas do fogo* (1978), de Walter Hugo Khouri e *Uma estranha história de amor* (1979), de John Doo. Nesses filmes, temas como as memórias de vidas passadas e a comunicação espiritual através de médiuns humanos e eletrônicos deram origem a histórias de horror realizadas dentro dos padrões praticados na época pelo cinema de horror internacional, dominado principalmente por produções estadunidenses e europeias. Por serem produções ligadas ao cinema paulista dos anos 1970, havia também a marca do cinema erótico e a divulgação por meio de práticas muito próximas às do cinema de exploração. No caso de *As filhas do fogo*, por exemplo, o filme teve o patrocínio da Editora Três e foi lançado junto com uma promoção da revista *Planeta*, dedicada a temas místicos e religiosos e que premiava os melhores relatos sobrenaturais dos leitores⁸.

Além de filmes que trouxeram o imaginário espírita para o registro do horror, houve também pelo menos duas obras paulistas que poderíamos chamar de *militantemente* kardecistas, que se destacaram tanto pelo sensacionalismo quanto pelo discurso religioso doutrinador: *O médium — a verdade sobre a reencarnação* (1980), de Paulo Figueiredo; *Joelma, 23º andar* (1980), de Clery Cunha.

O médium, escrito, dirigido, produzido e coestrelado por Paulo Figueiredo, contou com elenco de peso, que incluía Ewerton de Castro, Jussara Freire e Geórgia Gomide. O filme contava a história de um cirurgião arrogante que começa a ser assombrado pelo fantasma de um médico que o acusa de praticar a medicina sem sentimentos. Após um desmaio durante uma operação, ele é levado a um mundo paralelo, onde o outro lhe mostra as origens de sua frieza e infelicidade em eventos traumáticos de uma vida passada.

Já o longa *Joelma*, escrito por Dulce Santucci com base em uma psicografia de Chico Xavier publicada com o título de *Somos Seis*, traz as memórias psicografadas de jovens mortos no incêndio do Edifício Joelma, em São Paulo,

8 Sobre isso, ver CANEPA, 2012.

que vitimou fatalmente 179 pessoas no dia 01 fevereiro de 1974. Fazendo uso de imagens documentais colhidas no dia do acidente, e também da reconstituição de cenas com atores, o filme está centrado principalmente no relato de uma personagem, a jovem Volkimar (no filme, chamada de Lucimar). Estrelado por Beth Goulart e Liana Duval, *Joelma* foi filmado em parte no próprio edifício, logo após a longa reforma, e articula, de maneira surpreendente, o sensacionalismo do cinema de exploração, os códigos do filme-catástrofe, cenas típicas do cinema de horror (como premonições e aparições), além de elementos do docudrama e do melodrama religioso, num conjunto que ainda hoje causa espanto pelo incômodo ético provocado pela mistura de mensagens kardecistas, relatos alegadamente autobiográficos obtidos por fontes sobrenaturais, sugestões de maldições ancestrais, cenas reais da catástrofe, diluição dos limites entre documentário e ficção, além de momentos de exploração do mais puro horror físico. Sua estreia foi aguardada com grande expectativa pelo público e pela imprensa, e seu desempenho nas bilheterias foi próximo do esperado para as produções paulistas de maior sucesso, atraindo oficialmente quase um milhão de pessoas para os cinemas. Mas, curiosamente, o filme logo caiu no esquecimento, sendo recuperado em 2007 pela coleção Videoespirit — Memória Audiovisual Espírita, com o *slogan* de “o primeiro filme espírita do mundo”, contribuindo, talvez, para o início da onda de filmes espíritas no circuito cinematográfico brasileiro a partir de 2008.

Apesar da relevância desses filmes até agora citados, ainda é preciso mencionar algumas obras bem mais antigas. Uma delas é *O jovem tataravô*, de Luiz de Barros, realizada na Cinédia, em 1936, que trazia um espírito do século XIX para o Rio de Janeiro dos anos 1930 por meio de uma cerimônia de *mesa branca*⁹ conduzida irresponsavelmente. Também *Alameda da saudade, 113* (Carlos Ortiz, 1951), produção paulista independente filmada na cidade de

9 Prática da mediunidade espiritualista desenvolvida a partir das orientações de um ou mais guias espirituais. É praticada de forma independente e normalmente não está ligada a qualquer religião estabelecida, nem mesmo à umbanda ou ao espiritismo kardecista, de que evidentemente se aproximam. Foi muito praticada no Brasil na primeira metade do século XX. Também chamada de *sessão astral*. A cor branca tem relação com a demonstração de seriedade e boas intenções da prática, muitas vezes confundida com brincadeiras como a do *jogo do copo*.

Santos, era uma versão da famosa história em que um jovem se apaixona por uma moça misteriosa até descobrir que se trata de um espírito desencarnado. Até mesmo o melodrama *Coração materno* (Gilda de Abreu, 1951) traz um desfecho romântico do *Além* para o seu casal de heróis separados em vida, mostrando o encontro de seus fantasmas na casa em que se apaixonaram — e, não por acaso, o filme foi lançado em DVD em uma coleção de filmes espíritas, nos anos 2000, em parte pelo fato de Gilda de Abreu e Vicente Celestino (produtores e estrelas do longa) terem sido ligados ao espiritismo kardecista.

Os novos filmes espíritas: em busca de um gênero?

Pois bem, fazemos essa longa introdução ao assunto para sugerir que é nesse contexto de uma tradição cinematográfica pouco comentada que se inserem os filmes mais recentes de temática espírita feitos no Brasil:

- O militante *Bezerra de Menezes* — o diário de um espírito (Joe Pimentel e Glauber Filho, 2008), produção barata feita em vídeo, com o propósito de divulgar o espiritismo no Brasil, e que fez mais de 500 mil espectadores, circulando pelo país por vários meses;
- O *blockbuster Chico Xavier — O filme* (Daniel Filho, 2010), que atraiu três milhões e quatrocentos mil espectadores no ano do centenário de nascimento do mais famoso médium do país;
- *Nosso lar* (Wagner de Assis, 2010), que teve mais de quatro milhões de espectadores, e pareceu conjugar a proposta dos dois anteriores, aliando espetáculo cinematográfico, melodrama e pregação religiosa a partir de um dos livros mais populares psicografados por Chico Xavier, que traz a trajetória do espírito André Luiz.

Depois deles, surgiram outros filmes menos famosos, como *As mães de Chico Xavier* (Glauber Filho, 2011), melodrama sobre mães que conseguiram contatos com seus filhos por meio do médium, e que teve cerca de quinhentos

mil espectadores; *O filme dos espíritos* (2011), produção grandiosa que tentou trazer para o cinema algumas noções d'*O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, atraindo cerca de trezentos mil espectadores; *E a vida continua* (2012), que marca o retorno de Paulo Figueiredo à direção em mais um filme espírita, desta vez com a adaptação de outro relato do espírito de André Luiz psicografado por Chico Xavier.

O que se percebe nessa tentativa mais recente de popularizar a doutrina espírita no Brasil por meio do cinema é que os realizadores parecem ter optado, em primeiro lugar, por desenvolver um filão próprio. Nos filmes, há referências claras à tradição espírita brasileira, às suas figuras mais proeminentes e aos seus textos-chave. No caso de *Nosso lar*, por exemplo, houve até a distribuição de folhetos explicativos sobre o livro nas bilheterias dos cinemas. Esses filmes também procuram adaptar textos conhecidos, e trazem em seus elencos um grande número de atores vinculados ao teatro espírita, que é muito popular no Brasil inteiro. Entre esses atores está Renato Prieto, protagonista de *Nosso lar*, que já encabeçou mais de uma dezena de espetáculos teatrais espíritas, diante de mais de cinco milhões de espectadores.

Outra característica desses filmes, diferentemente do que houve antes, é o fato de eles, aparentemente, não estarem preocupados com filiação a gêneros independentes do assunto religioso: seu objetivo declarado é dialogar com fiéis e curiosos sobre a religião. Assim, vinculações vistas anteriormente com gêneros como a comédia, o horror e o filme-catástrofe dão lugar a uma abordagem mais grave e bastante próxima do melodrama religioso cristão, com histórias de aprendizado, superação e transcendência pela fé, pela bondade e pelo respeito aos desígnios divinos. A partir dessa característica, pode-se talvez explicar a diminuição e posterior estabilização do público verificada entre 2011 e 2012, pois o discurso claramente religioso pode ter distanciado uma parte do público mais interessada em obras de entretenimento.

Nesse sentido, os filmes espíritas brasileiros atuais parecem filiar-se ao campo do *filme religioso* em seu sentido mais estrito, conforme descrito por Luiz Vadico (2010), autor que aponta as seguintes características para os filmes religiosos, todas elas facilmente encontradas nas produções espíritas nacionais já mencionadas: 1) O tema ou assunto religioso, socialmente reconhecido como tal; 2) A busca de despertar as emoções especificamente ligadas ao mundo religioso, como compaixão, arrependimento, esperança etc., além do desejo de fortalecer a fé dos seus seguidores, ou mesmo despertá-la; 3) Alguma forma de Teologia vinculada, seja por meio de intenções claras ou dos pressupostos teológicos dos seus produtores; 4) A participação de consultores religiosos em sua produção, ou vinculação a instituições de origem religiosa; 5) A intenção da produtora ou do cineasta em fazer um filme que trate do sagrado; 6) A conotação de “produto outro” diferenciado, “puro”, adequado; 7) Garantia da qualidade moral do conteúdo do filme dada pela sua vinculação oficial à religião; 8) Caráter de “militância”.

Ainda que o trabalho do pesquisador esteja mais ligado ao estudo dos filmes cristãos, nota-se que aquilo que ele denomina de “campo do filme religioso” tem vários gêneros sob essa definição, entre eles os filmes sobre a vida de Jesus Cristo, outros sobre a vida de santos, os de aparições de santos e eventos milagrosos etc. Sugere-se aqui, então, que os filmes espíritas atuais podem se encaixar como um gênero nesse extenso campo, com algumas características bastante próprias, que nos cabe destacar rapidamente para estudos futuros.

Uma delas é a aproximação temática e estrutural de seus filmes principais (*Bezerra de Menezes, Chico Xavier — O filme e Nosso lar*) com os filmes hagiográficos, isto é, aqueles dedicados a narrar, na maioria das vezes de forma melodramática, a vida de santos católicos. Em uma análise superficial, notam-se semelhanças estruturais pelo fato de estarem centrados nas trajetórias de figuras fundadoras do espiritismo brasileiro, histórias de vida marcadas por experiências de revelação e sacrifício dadas em diferentes níveis, mas bastante presentes, e recompensadas na forma de algo que se aproxima do milagre, seja pela comunicação com os mortos ou pela cura espiritual.

Outra característica, nesse caso estilística, é a manutenção de certa ligação com o cinema fantástico, talvez em virtude da longa tradição de filmes desse gênero que trazem a presença de espíritos desencarnados e/ou revelações de paisagens desconhecidas. Ainda que isso seja comum em filmes religiosos de maneira geral, há um trabalho cuidadoso de fantasmagoria em todos os filmes, com preparação de atmosferas para as aparições, com destaque para os efeitos especiais em computação gráfica de *Nosso lar*, estilisticamente e tecnicamente próximos do que se verifica em filmes estrangeiros de ficção-científica e/ou de aventura.

Não por acaso, em 2011 surgiria o longa sobre aparições de seres extraterrestres *Aera Q*, de Gerson Sanginitto, uma coprodução Brasil/EUA. O filme foi uma tentativa de unir uma crença de origem pretensamente científica (a ufologia) às crenças espíritas, com base em fenômenos alegadamente reais registrados no sertão do Ceará. O fenômeno de reunião de espiritismo, espiritualismo e ufologia é antigo no Brasil, e necessita de maior atenção por parte dos pesquisadores brasileiros, sobretudo pelo surgimento, em 2011, do Festival Nacional de Cinema Transcendental, em Brasília e Fortaleza, evento organizado pela empresa Estação da Luz (produtora de *Bezerra de Menezes*, *Chico Xavier* e de *As mães de Chico Xavier*). O festival abriga anualmente diversas produções brasileiras e estrangeiras que tratam de variados temas místicos e religiosos, e se apresenta como um movimento cultural e artístico que busca desenvolver uma relação mais intensa entre arte e religiosidade. O festival nasceu em Fortaleza, a partir da Mostra de Teatro Transcendental, cuja primeira edição foi em 2003, contando com vários espetáculos ligados ao espiritismo e a outras correntes espiritualistas.

Breves conclusões

Como o título do presente texto já indica, tratou-se de propor algumas questões iniciais para uma pesquisa ainda em andamento sobre a onda de filmes espíritas que se verificou no cinema brasileiro a partir do final da primeira década do século XXI. Para isso, realizou-se uma brevíssima reconstituição histórica da presença do espiritismo no cinema brasileiro, e também estabeleceu-se um diálogo inicial com a noção de campo do filme religioso, desenvolvida pelo pesquisador Luiz Vadico. Por fim, buscou-se identificar algumas características recorrentes nos filmes espíritas, assim como sua relação com uma corrente mais ampla de filmes e de outros produtos místicos e religiosos no Brasil. Evidentemente, há diferentes objetos a observar e diferentes caminhos a seguir a partir dessas observações gerais, mas pareceu-nos importante registrá-las para contribuir de alguma forma à atual discussão sobre este tema no Brasil.

Referências

CANEPA, L. "Tecnologias da comunicação, horror e ficção-científica: o caso de três filmes brasileiros". *Revista Contemporânea — Comunicação e Cultura*, Vol. 10, n. 1, janeiro-abril 2012.

FERNANDES, P. C. C. *As origens do espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914)*. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, 2008.

LEWGOY, B. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. "O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de evangélicos e espíritas". *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, ano 6, n. 6, outubro de 2004

STOLL, S. J. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp/Orion, 2004.

VADICO, L. A. "O campo do filme religioso". In: *XVIII ENCONTRO DA COMPÓS* (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), Rio de Janeiro, 2010.

ZUZNE, L.; JONES, W. H. *Anomalistic Psychology: A study of magical thinking*. Hillsdale, New Jersey Hove and London: Lawrence Erlbaum Associates, 1989.